

Talento

Joia de Artista Sonia Gomes 2019

CAPÍTULO I

Arte que liberta

A trajetória da artista

CAPÍTULO II

A criação do broche

Como surge uma joia-arte

CAPÍTULO III

Glossário da artista

O significado poético dos seus conceitos

CAPÍTULO IV

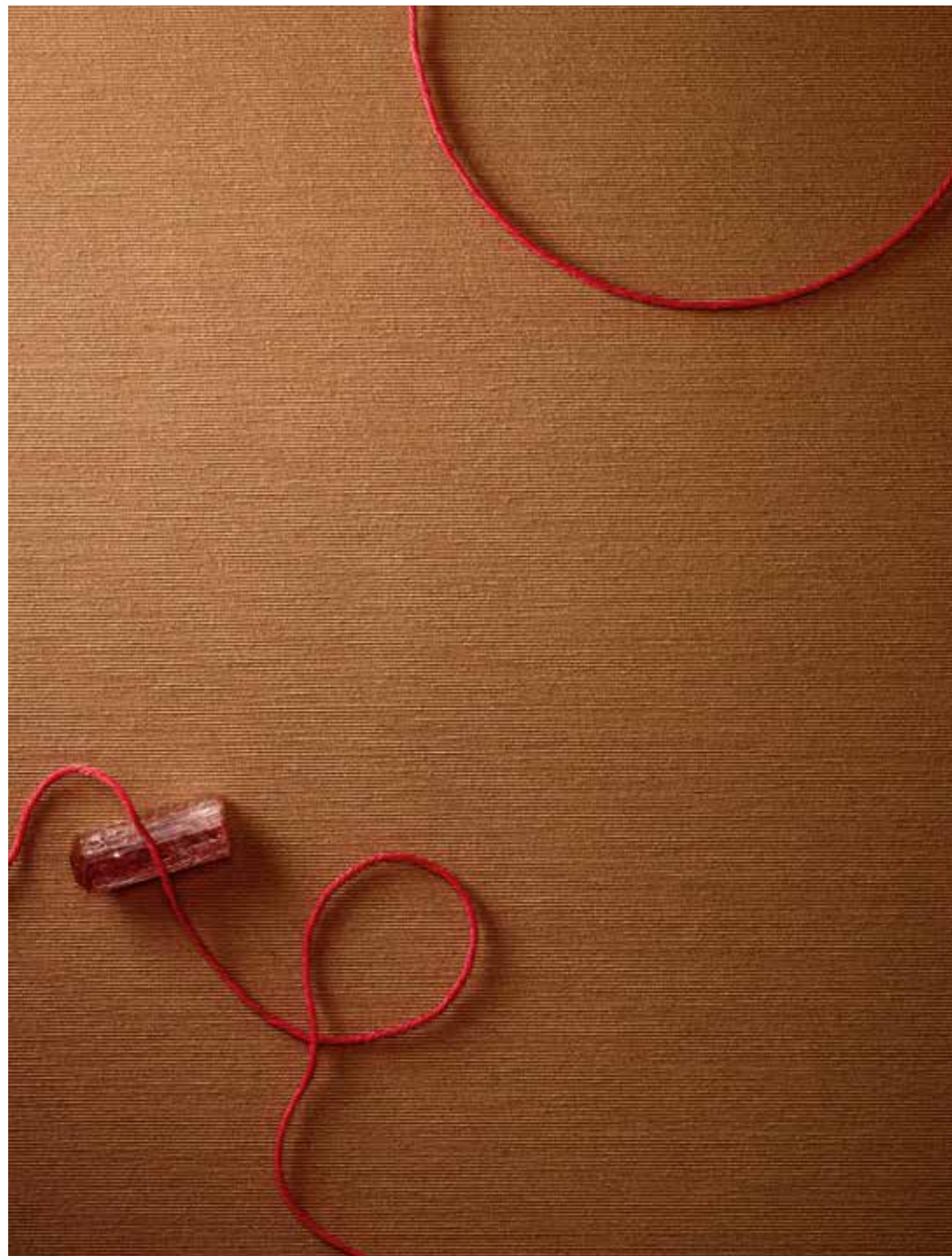
O avesso revelado

Trocas com o curador

Índice.

A ARTE DE FAZER ARTE

Talento feat. Sonia Gomes



Atemporalidade é uma característica que norteia a criação das joias da Talento. O que produzimos em nossos ateliês é feito para durar, para passar de uma geração a outra, baseado na excelência dos materiais e das técnicas de ourivesaria e na beleza do design. Nós não seguimos tendências, nós lançamos tendências. A liberdade criativa está no cerne dessa joalheria, fundada em 1990 em Minas Gerais, o berço do garimpo brasileiro, por minha mãe, Terezinha Géó Rodrigues, uma designer autodidata. É justamente esse olhar autoral, instintivo e até visceral que conecta a Talento ao universo das artes.

Estamos na quarta edição do projeto Joia de Artista, iniciado em 2016, quando recriamos o colar de águas-marinhas desenhado pela arquiteta Lina Bo Bardi, expoente do modernismo brasileiro. De lá para cá, já celebramos o trabalho de duas outras grandes artistas: Regina Silveira (2017) e Valeska Soares (2018), com edições limitadas de um bracelete e um colar-anel. Agora, é a vez de Sonia Gomes – e este não poderia ser um momento mais apropriado para essa homenagem.

Nascida em Caetanópolis, uma cidade do sul de Minas, Sonia Gomes se tornou uma artista festejada por sincretizar elementos eruditos e populares em obras que ecoam traços da cultura africana, do barroco mineiro e das tramas e texturas do trabalho manual. A maior parte são esculturas concebidas com tecidos antigos torcidos, costurados e bordados, esbarrando em uma herança afetiva e em um jogo que envolve passado, presente e futuro. O tempo das coisas está explícito na matéria-prima, que guarda memórias de outras vidas e é manuseada para ter uma nova existência, perpetuada em museus e galerias. Gomes prega a união e resgata a ancestralidade negra em um ativismo que dispensa clichês, e por isso mesmo conquistou lugar de destaque no cenário das artes contemporâneas. Em 2015, foi a única representante do Brasil na Bienal de Veneza. Em 2018, ganhou uma exposição individual no MASP, na qual exibiu, além das famosas esculturas de tecido, uma gaiola posicionada no jardim do museu. Dentro dessa gaiola surgiu um ninho de marimbondos e teias de aranha, que Gomes impediu que fossem removidas.

A história dessa joia de artista começa com este episódio: já na primeira reunião com a equipe da Talento, Sonia falou sobre a vontade de investir na criação de um broche – uma peça atemporal, que se destaca entre as

criações da Talento – com o formato de gaiola. O desafio na elaboração de uma joia-arte é sempre o de ser fiel e coerente em relação ao pensamento que permeia a sua trajetória artística, fugindo do lugar comum e, principalmente, aliando a criação aos conhecimentos e técnicas dos ourives e artesãos da casa, liderados por Terezinha. Parece complexo – e é.

No broche de Sonia Gomes, o tecido aparece apenas em um cordão, colocado como opção de transformar a peça em colar. Na gaiola, há um trabalho com filigranas que remete imediatamente aos estofados de rendas e crochês utilizados em suas esculturas, e faz alusões também às chamadas Joias de Crioula, representantes máximas da ourivesaria colonial no Brasil. Dentro das grades está uma pedra bruta, o Topázio Imperial, definida depois de alguns estudos feitos pela artista ao lado dos designers da casa. A singularidade dessa gema, que tem um tom terroso discreto e chique, é fascinante – e ela só pode ser encontrada na região de Ouro Preto.

Primar pelo que é único, diferente e ousado, além de ter a função de enfeitar a mulher, está na essência da Talento. Fazemos joias que vestem bem – o caimento impecável das peças da joalheria maleável, técnica criada em nossos ateliês, é um exemplo perfeito disso –, produzidas sempre por profissionais afinados e afiados.

Na visita da equipe da Talento à casa-ateliê de Gomes, em São Paulo, com a presença do curador Waldick Jatobá, um dos idealizadores do projeto, a artista contou que, após um 2018 complexo, cheio de vibrações muito intensas, o Joia de Artista chegou em um momento em que ela buscava um descanso das cores vibrantes, que normalmente utiliza em seu trabalho. É uma espécie de intervalo, ela garante. Durante as entrevistas para o livro, tocou em assuntos delicados. Relembrou a infância de afetos fragmentados, falou da arte encarada como uma necessidade pessoal, um caminho de libertação, e exaltou o significado poético de expressões que permeiam seu universo. Verdade, coragem e liberdade são três palavras usadas por Sonia Gomes para definir sua obra. E elas se encaixam perfeitamente no caso da joia desenhada para a Talento: uma peça rara feita para guardar uma preciosidade bruta, que joga luz em um Brasil do passado e incorpora o momento presente para transformar memória em arte.

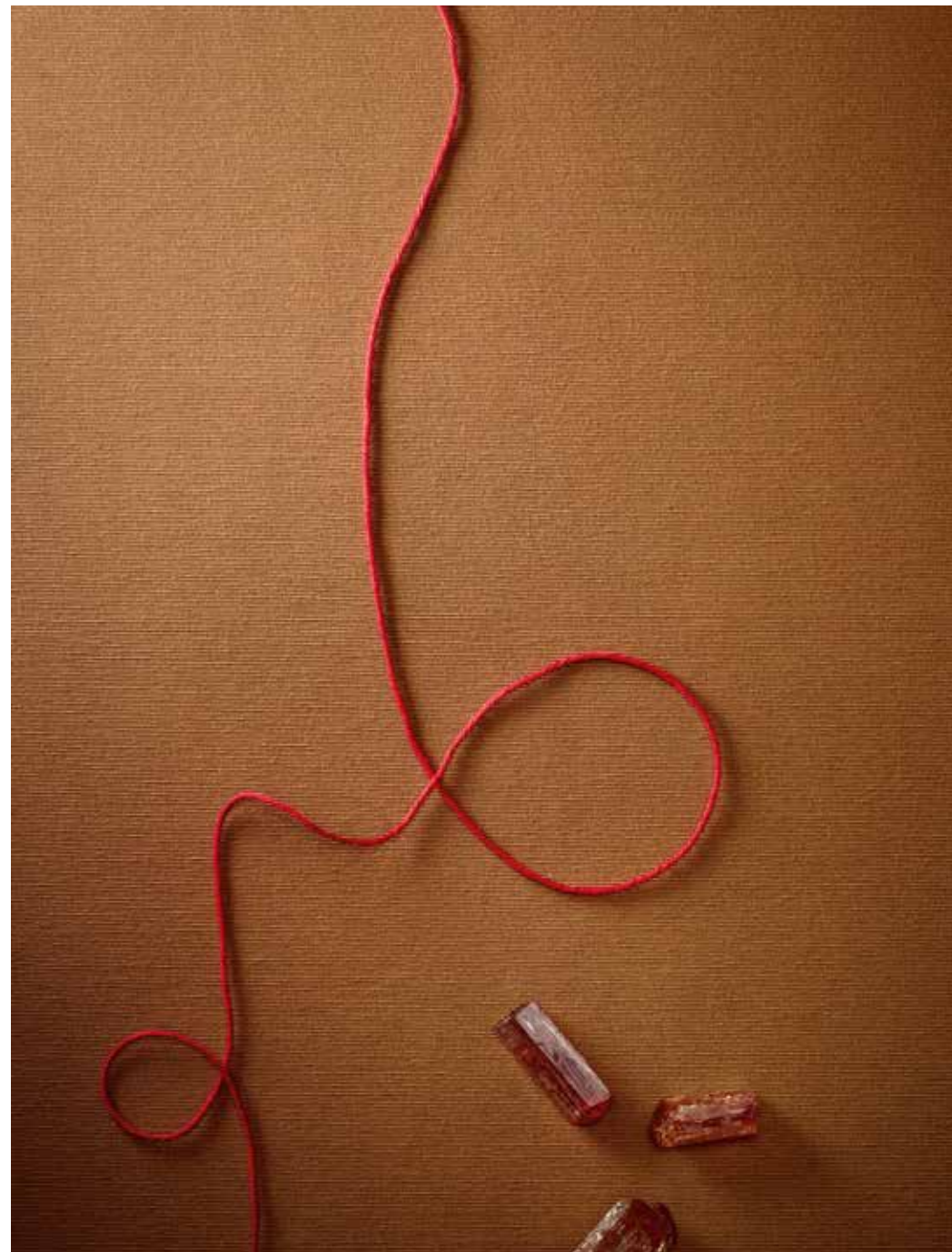
JACQUES RODRIGUES JR.

São Paulo, 2019

Ensaio de João Avila com

Topázios Imperiais

brutos que foram selecionados para a joia
de Sonia Gomes



Sete gerações libertas

A TRAJETÓRIA DA ARTISTA

CAPÍTULO I

A obra de Sonia Gomes envolve segredos tão bem guardados que dá a impressão de ter sido concebida para encobrir. Mas é justamente sua natureza misteriosa que evoca descobertas poéticas e uma série de interpretações. Suas costuras e torções dão forma a esculturas intrigantes, soberanas, edificadas a partir de tecidos torcidos, suturados, emendados. São criações densas, formadas por múltiplas camadas sobrepostas e amarradas em assimetrias e abstrações.

Muitas delas lembram ninhos, casulos ou mantas. É uma obra pronta para acolher. Outras investigam conceitos que giram em torno da liberdade, do equilíbrio e da ancestralidade, explorando costuras criadas para reparar e reconstruir. Assim, com um trabalho sempre tensionado a serviço de uma expressão pessoal, a artista vem contribuindo de maneira extraordinária para a linguagem escultural das artes contemporâneas.

Sonia Gomes elabora a arte como necessidade existencial, como caminho de libertação. E sua biografia está instintivamente atrelada a sua trajetória profissional. Nascida no ano de 1948, na cidade mineira de Caetanópolis, teve a infância marcada pelo universo da costura e do bordado. No passado, a cidade abrigava uma fábrica de tecidos e chegou a ser considerada um polo têxtil do estado de Minas. Desde muito pequena, Gomes colecionava pedaços de pano, amostras de chita e botões para brincar. Amava estofar tecidos e fazia costuras bem abstratas, unindo trapos em formas orgânicas, mas nunca humanizadas. Também enrolava bonecas, dava nós e as vestia, criando roupinhas nada convencionais.

12

Na próxima página, a obra MEMÓRIA (2004) publicada

no jornal
Financial Times

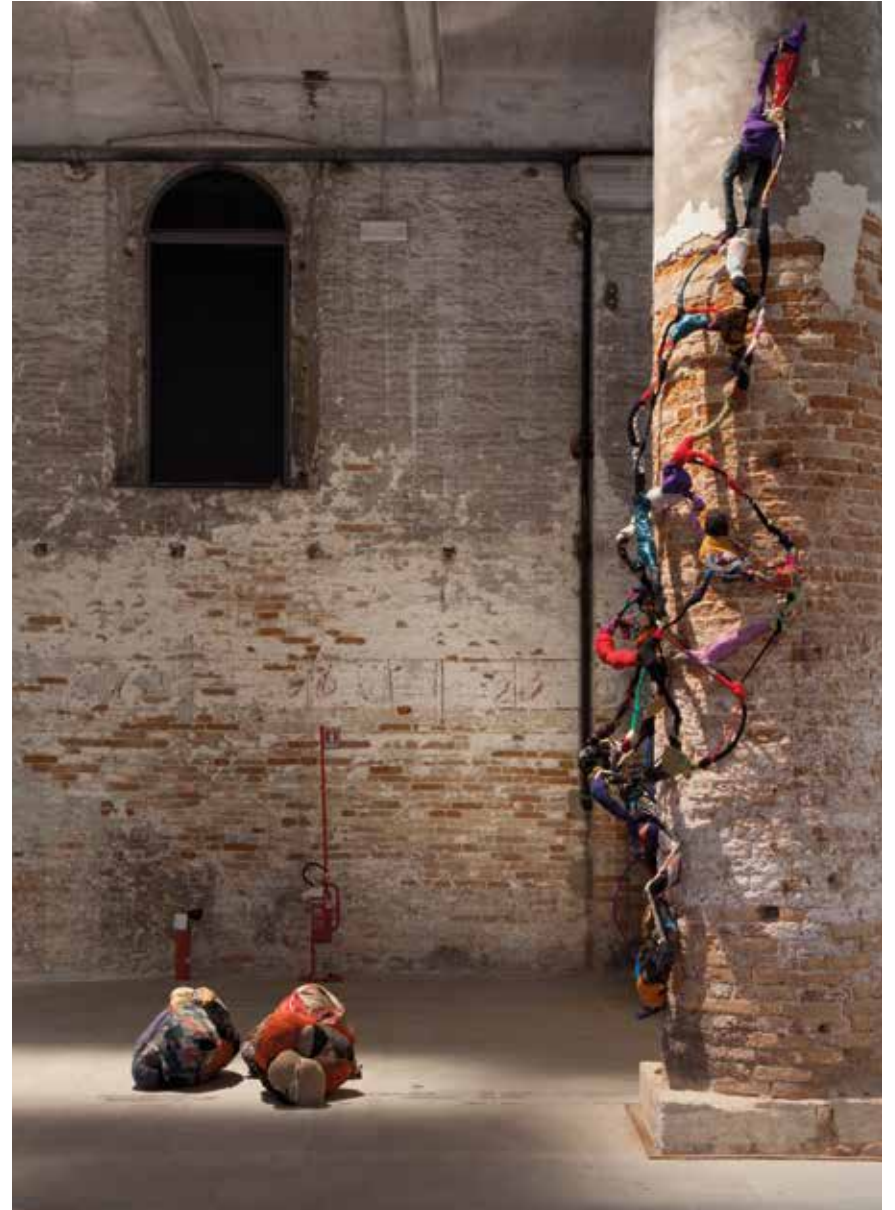
13

De certa maneira, os pontos firmes alinhavados em suas obras e as tramas do crochê e do tricô recorrentes em seu trabalho espelham muito de sua infância, marcada por afetos fragmentados. Seu universo familiar é dividido em dois extremos: um relacionado à ascendência africana, por parte da mãe, e o outro ligado à família do pai, branca, abastada, católica e tradicional nos costumes.

Até os 4 anos, a artista viveu com a mãe e a avó materna, em Paraopeba, município mineiro. Sua mãe, que havia trabalhado como empregada doméstica na casa do pai, faleceu nova, aos 20 anos, de tuberculose. Gomes foi então levada para ser criada pela família do pai, onde, segundo a avó, poderia ter melhores condições de vida. Nas lembranças da artista, a avó materna, parteira e benzedeira, era bastante afetuosa. Na casa do pai, no entanto, a infância é lembrada como uma dolorosa fase de desamparo. Gomes cresceu sendo tratada pelas tias e pouco via o pai, embora ele também morasse ali. Uma vez, com cerca de 6 anos, fugiu de casa. Ao ser resgatada, inconformada, experimentou um momento de catarse enquanto estava de castigo na biblioteca da casa. Quebrou vidros, rasgou livros, gritou. “Essa catarse foi minha salvação.” A natureza visceral vista na maior parte de suas obras revela sua grande potência como artista.

Sua inserção no universo das artes aconteceu tardiamente. Sonia iniciou a sua carreira aos 45 anos de idade e só aos 60 alcançou reconhecimento, resgatando as raízes populares sem se despir da erudição, em mais uma explicitação da dualidade vivenciada no âmbito familiar.

I.01



Na página anterior, instalação executada

para a 56ª *Bienal de Veneza*
em 2015

16

Em 2015, foi convidada para participar da **56ª Bienal de Veneza**, curada pelo nigeriano Okwui Enwezor, sendo a única representante do Brasil na mostra – provocando surpresa no circuito nacional das galerias contemporâneas e atraindo a merecida atenção de críticos, curadores e jornalistas. “Derrubei muitas barreiras por ser mulher, por ser negra, por não ter idade para ser considerada um dos jovens talentos da arte contemporânea brasileira”, diz ela.

Os tecidos – seja em retalhos rasgados ou em finos bordados – sempre fizeram parte de sua vida. Desconstruía roupas na infância, customizava as peças que vestia na adolescência e, na fase adulta, exercitava-se criativamente reutilizando materiais têxteis na produção de colares e bolsas. Sempre experimentou da inquietude e da rebeldia de quem não gosta de nada pronto para ser consumido.

“Cheguei a me matricular em uma escola de costura, mas durou uma aula. Tinha que usar régua, fazer conta, traçar moldes simétricos, perfeitos... pensei: ‘Isso não é para mim’. Meu negócio é mais livre, mais criativo. Gosto de sentar na máquina e criar”, conta ela. Professora primária, formada em magistério, Gomes ainda jovem resolveu cursar Direito na faculdade de Sete Lagos, em Minas Gerais. Depois de formada, mudou-se para Belo Horizonte, onde trabalhou em escritórios de advocacia até conseguir comprar seu próprio apartamento. Foi depois disso, com a moradia assegurada, que decidiu seguir novos caminhos. “A princípio, fiz cursos de artes e artesanatos e me dediquei à elaboração

de bijuterias, até ser convidada por um primo para viver uma temporada de seis meses em São Francisco, nos Estados Unidos”, lembra ela. “Lá, de certa forma, eu me encontrei. Os colares doidos que eu fazia, minhas roupas estranhas, minhas misturas improváveis eram sempre bem-aceitas. Eu finalmente conquistei a autoestima que não tinha.”

A transformação artística, a partir de então, progrediu com solidez. Ela fez cursos livres de arte na Escola Guignard, em Belo Horizonte, exercitou-se no desenho e na pintura e se familiarizou com os colegas artistas. Logo, o que eram apenas vestimentas e acessórios perdeu a funcionalidade inicial, ganhando novas dimensões e proporções cada vez maiores, até que, naturalmente, viraram esculturas.

Sua primeira exposição individual, **Objetos**, foi organizada pelo galerista Thomas Cohn, sem muita repercussão. Em 2012, na arteBA, feira de arte contemporânea de Buenos Aires, foi celebrada como uma mulher brasileira, negra e relacionada ao artesanato e à arte popular. Na sequência, em 2013, já representada pela galeria paulistana Mendes Wood DM, destacou-se com peças na Art Basel, da Suíça, ganhando espaço no suplemento cultural do jornal **Financial Times**, que publicou a foto de sua obra **Memória** (2004). Ainda em 2013, participou da exposição coletiva **A Nova Mão Afro-Brasileira**, com curadoria de Emanuel Araújo. Recentemente, duas exposições monográficas realizadas no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC) e no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) celebraram todo o seu percurso

17

Na próxima página, reprodução de obra exibida

no Masp
durante a exposição da artista



Trecho do poema STILL I RISE, da poeta

e ativista

americana Maya Angelou

you may write me down in history
with your bitter, twisted lies,
you may trod me in the very dirt
But still, like dust, I'll rise.

does my sassiness upset you?
why are you beset with gloom?
'Cause I walk like I've got oil wells
Pumping in my living room.

just like moons and like suns,
with the certainty of tides,
just like hopes springing high,
Still I'll rise.

did you want to see me broken?
Bowed head and lowered eyes? ☹ ☹
Shoulders falling down like teardrops,
weakened by my soulful cries?

I.03



I.04



I.05

Na próxima página, conjunto inédito

de obras exibido na
Casa de Vidro

artístico. Expor em uma individual no MASP, o maior museu da América Latina, é uma consagração incontestável, o que redimensionou a carreira e a relevância de Gomes. No MAC Niterói, quase 20 anos de trabalho foram reunidos, enquanto em São Paulo um conjunto inédito de obras foi especialmente produzido para ser exibido no MASP e na Casa de Vidro.

Intitulada **Ainda Assim Me Levanto**, a mostra paulistana foi inspirada no poema **Still I Rise**, de 1940, da poeta e ativista americana Maya Angelou, a primeira motorista de ônibus negra de São Francisco.

No subsolo do museu foram exibidas 30 esculturas e instalações feitas a partir de materiais residuais, principalmente pedaços de tecidos vintage, recebidos do público ou remanescentes de acervo próprio. Todas as esculturas foram costuradas de próprio punho. A mostra foi realizada no ano em que o MASP dedicou sua programação às histórias afro-atlânticas, desenvolvida em torno dos fluxos e refluxos entre África, Américas e Europa. Ali, Sonia Gomes elaborou um ativismo silencioso por meio da série intitulada **Raiz** (2018), utilizando galhos e troncos, elementos inéditos em sua obra, ao lado de tecidos, em um visível resgate de sua própria natureza e essência

No MAC, a retrospectiva de sua produção visual, chamada **A Vida Renasce, Sempre**, pode ser analisada por seus aspectos figurativos e estéticos e também sob um olhar mais metafórico. A série **Enciclopédias da Fantasia**, uma coleção antiga de livros infantis, traz cada página decorada ludicamente com canetas esferográficas e tintas metalizadas.

22

Na página anterior, algumas obras

da série

RÁIZ (2018), que utiliza galhos e troncos

23

Nessa série, a artista elabora uma releitura de fábulas, flertando com o surrealismo. Já as esculturas remetem a uma herança africana-mineira, com destaque para o exercício artesanal com amarrações, nós e tramas. Ao mesmo tempo que explora tricô, crochê e bordados, faz referências comuns ao candomblé (em conexão com sua origem materna).

“Suas esculturas e instalações – usualmente executadas sobre objetos de mobiliário ou estruturadas em armações de ferro – são cobertas de tecidos suturados de forma detalhista. Ao criar uma densidade que é, em simultâneo, delicada e vigorosa, a artista fornece fortes jogos de tensão às peças”, descreve Amanda Carneiro, curadora da exposição do MASP, no catálogo **Sonia Gomes: A Vida Renasce/Ainda Me Levanto**. “Sua contribuição para a escultura contemporânea, com esse caráter antropomórfico, é extraordinária. Ela cria volumes que guardam memórias e segredos.” O título do livro é uma combinação entre os nomes das exposições de Niterói e de São Paulo.

Sonia Gomes faz arte com aquilo que foi descartado, com objetos e roupas usados, impregnados de memórias em suas tramas e texturas. Cordas, alfinetes, cintos e pulseiras, entre outros objetos do cotidiano, também são utilizados em suas obras. “Por ter sido identificada como aquela que reaproveita materiais fabris, passou a receber peças de roupa, elementos de enxoval e objetos de intimidade alheia repletos de valor afetivo, todos colocados à disposição de seu trabalho”, conta Júlia Rebouças, curadora e crítica de arte.



A associação do tecido com a liberdade feminina é algo importante a se pensar. Suas amarrações dizem muito sobre uma tradição da arte no Brasil baseada em técnicas que envolvem linha e agulha e que podem ser vistas em obras de artistas como Arthur Bispo do Rosário, Lygia Pape, Mestre Didi, Leonilson, Ernesto Neto, Rosana Paulino, Rosana Palazian, Beth Moisés, Janaína Barros, Lidia Lisboa e Olyvia Bynun, entre outros. “Nunca tinha ouvido falar em Bispo do Rosário. Quando me deparei com a obra dele, já depois de velha, fiquei impressionada com a similaridade. Bispo é genial. Meu trabalho tem muito a ver com o dele. Faço parte dessa estética mesmo sem nunca tê-lo usado como inspiração, mesmo sem ter usado nenhum de seus trabalhos como referência”, diz Gomes.

No circuito internacional, a sintonia estética é identificada em artistas como o alemão Anselm Kiefer (1945–), que transforma roupas prontas para falar de memória, e o inglês-nigeriano Yinka Shonibare (1962–), que se utiliza de toneladas de tecidos africanos para tratar de questões como imperialismo, colonialismo e identidade cultural da África.

Foi dessa sintonia com áreas das artes contemporâneas globais que surgiu o interesse estrangeiro pela produção de Gomes. Três obras da artista foram arrematadas há cerca de dois anos pelo baixista da banda irlandesa U2, Andy Clayton. O curador Enwezor, diretor do museu alemão Haus der Kunst, em Munique – o mesmo que a convidou para a Bienal de Veneza –, ficou fascinado por um trabalho da artista mineira exibido na exposição **Made by... Feito por Brasileiros**, que ocupou o antigo hospital

Matarazzo, em São Paulo, em setembro de 2014. Pensador reconhecido por levantar a questão racial nas artes visuais, Enwezor considerou que o trabalho de Gomes estava absolutamente alinhado com o tema da Bienal de 2015, **All the World's Futures** (Todos os Futuros do Mundo). Por isso, ela foi a única artista brasileira da mostra.

Gomes decidiu então superar os limites físicos de seus pêndulos e suas instalações e passou meses debruçada na execução das obras. No ateliê de um amigo, edificou esculturas em tecidos que ultrapassavam 15 metros de altura. As peças resultantes desse trabalho hercúleo foram transportadas em containers de navio para a Itália. Diante da concepção articulada dessa arte, que envolve noções de tridimensionalidade e equilíbrio, Gomes diz que entra quase em estado de transe. Sua obra nasce de forma meditativa, de uma comunicação com o divino. “Às vezes, depois de terminar um trabalho, eu tenho vontade de chorar. Penso: ‘Será que fui eu mesma que fiz isso?’. Meu processo criativo é muito intuitivo. Os materiais acabam me dizendo o que podem virar”, diz ela.

Em meio ao frisson causado com a revelação de seu nome na Bienal de Veneza, a artista escreveu uma nota curta e poderosa, reproduzida aqui: “Gomes, nome que herdei de minha mãe. E apenas com ele, e na minha solidão, vou construindo minha vida e minha obra. Sonia Gomes na Bienal de Veneza. Mas quem é Sonia Gomes, especulam os jornais brasileiros. Sou eu, minha gente, que carrego o nome de minha mãe, sou negra, sou eu, mulher e brasileira”.

Na próxima página, algumas obras da série

4 Enciclopédias - Vol 1, 2, 3 e 4

que apresenta uma releitura de fábulas

I.06



I.07



I.08

A criação do breche

COMO SURGE UMA JOIA-ARTE

CAPÍTULO II

Criar uma joia constitui uma espécie de volta às origens para Sonia Gomes. Ela começou justamente assim, fazendo colares, pulseiras, acessórios e roupas ousadas e diferentes, com tanta personalidade que ninguém queria usar além dela. “Lembro de um professor de artes plásticas que brincava dizendo que eu parecia uma instalação ambulante. E era isso mesmo, colocava tudo em mim”, conta, rindo. “Hoje estou clean, coloco tudo no meu trabalho.”

Vestir-se completamente fora dos padrões, com amarrações, sobreposições em misturas coloridas, peças customizadas por ela mesma e roupas do avesso era uma maneira fácil de extravasar e de se posicionar. Em compensação, como estilista, ela nunca deu conta de fazer nada convencional ou comercialmente desejável – algo que está intrinsecamente ligado à natureza dessa indústria. Por esse motivo, não obteve sucesso. Havia um desajuste ali, naquela posição. Gomes bolava peças que não conseguia vender porque não queria submeter sua criação ao desejo alheio ou às tendências de mercado. “Quando você é de verdade, não faz um trabalho só para agradar aos outros. Senão, aquele trabalho vira uma mentira. Quando produzo uma peça, a primeira pessoa que eu tenho que agradar sou eu mesma. A verdade está aí.”

A concepção de seu broche em formato de gaiola para o projeto Joia de Artista, da Talento, partiu exatamente desse pressuposto, do alto de uma posição criativa firme e absolutamente autoral. “Sou uma pessoa inquieta e ansiosa, que busca sempre o diferente. Comecei a me entusiasmar com

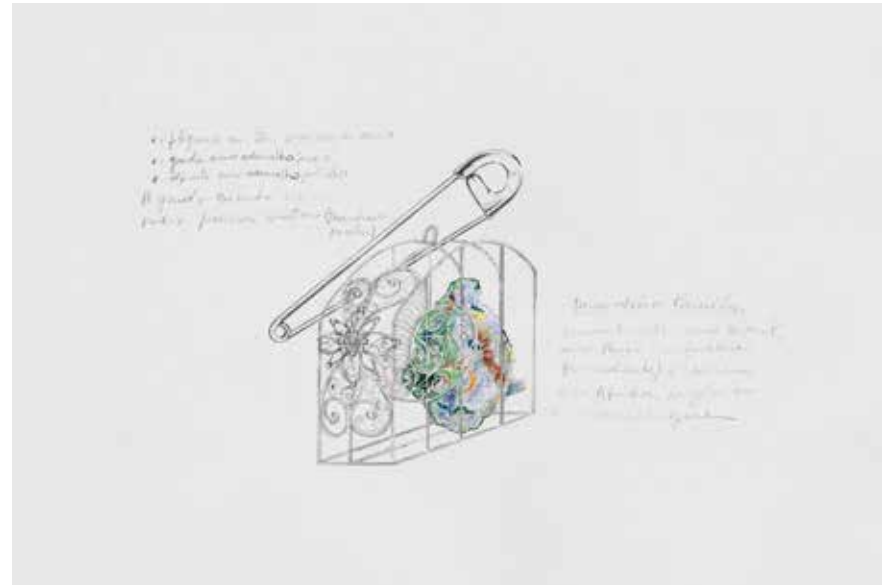
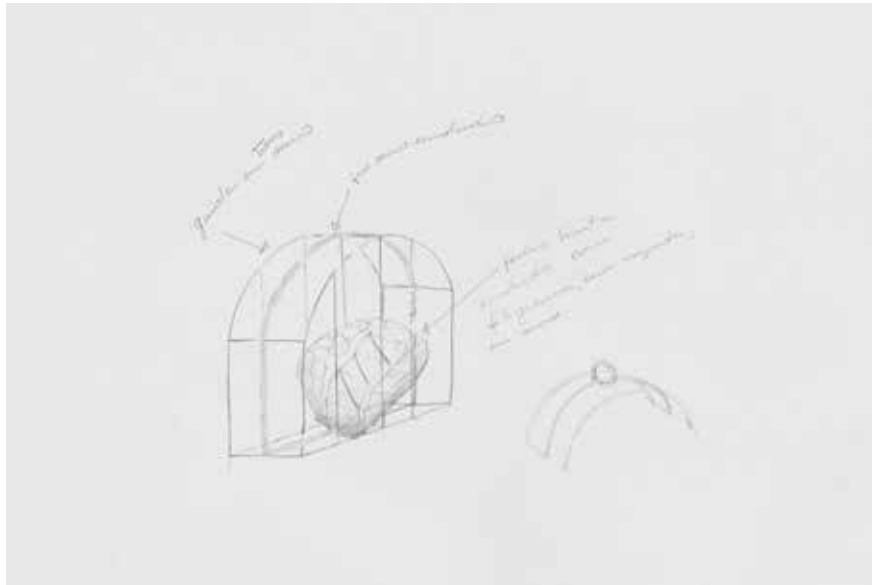
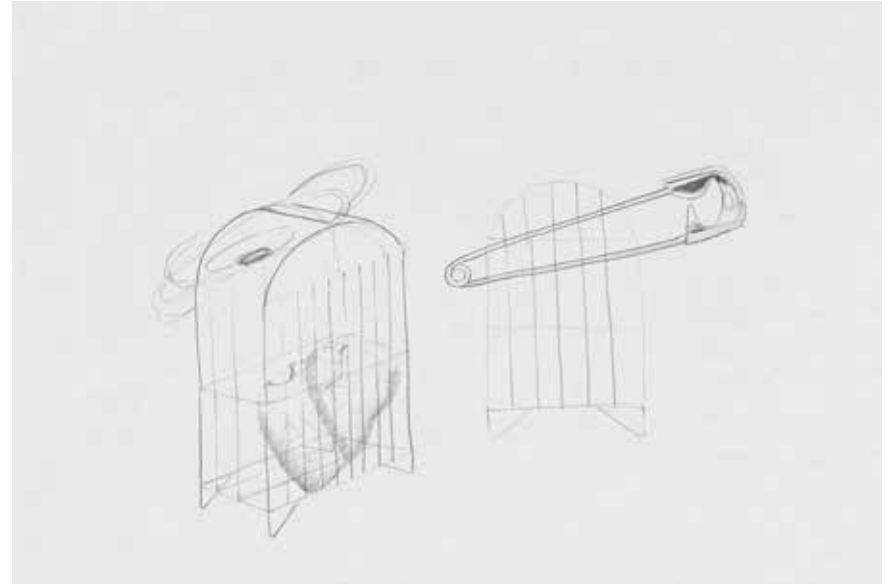
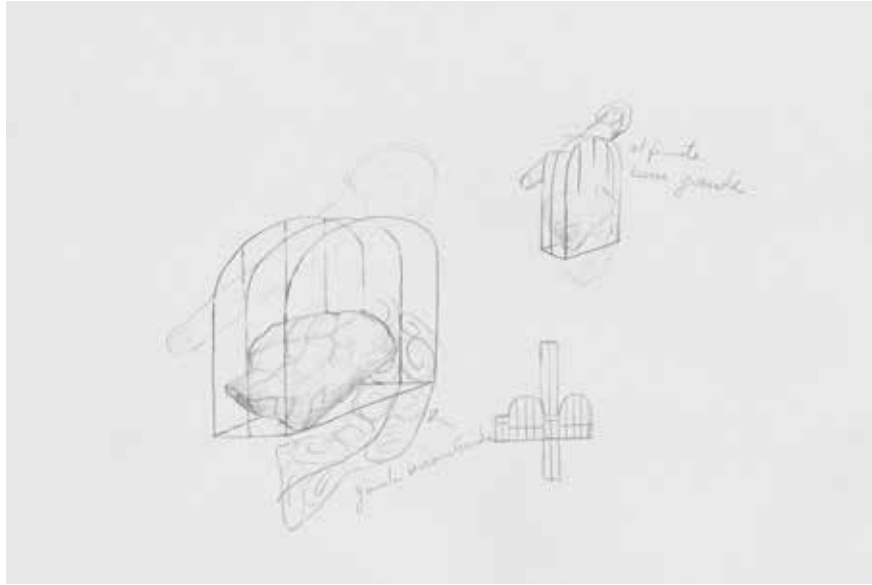
32

33

a ideia de criar um broche, que é uma peça de joalheria menos usual do que um brinco, um colar ou uma pulseira. Colar eu já faço, seria mais fácil. Eu gosto de trabalhar com desafio.”

Não é fácil dar vida a uma joia-arte. Em primeiro lugar, é necessário levar em consideração o legado artístico da autora. Depois, é preciso encontrar as soluções técnicas para materializar o projeto. Por isso, em Joia de Artista, a equipe com dezenas de designers e artesãos altamente qualificados da Talento, capitaneada por Terezinha Géó Rodrigues, acaba sendo envolvida em todo o processo criativo. “Nossa intenção é aproximar o mundo da alta joalheria do universo das artes. Por isso, damos independência e deixamos a artista livre para criar”, diz Terezinha.

O insight para a joia surgiu de repente, num momento absorto, no qual a artista falava ao telefone com uma amiga e bateu os olhos em uma de suas obras feitas com uma gaiola. Estava pendurada na parede de sua sala. De cara, a ideia pareceu poética, mas ela ainda não estava certa do caminho a seguir. “Acho a gaiola um objeto lindo, mas nunca gostei da função que ela tem, de aprisionar. Por isso, minhas gaiolas sempre foram desconstruídas. A primeira coisa que eu faço quando trabalho com uma delas é escancarar a porta”, afirma Gomes, que explora gaiolas há anos em suas obras. Novas metáforas, no entanto, começaram a tomar forma durante o processo criativo da joia. Em primeiro lugar, envolvendo a textura fosca das grades em ouro amarelo e a filigrana em ouro rosa polido. Depois, tendo em mente uma gaiola luxuosa, surgiu a pergunta: o que ela poderia



conter (e não prender) em seu interior? A resposta veio em forma de metalinguagem: uma pedra bruta. “Achei linda a ideia de criar uma gaiola sofisticada de ouro, abrigando uma pedra rara, que por sua vez guarda sua preciosidade dentro de si. A partir daí, comecei a pensar na porta da gaiola fechada, não no sentido de aprisionar, mas no sentido de guardar algo valioso”, lembra a artista. Para ela, a beleza da pedra bruta está justamente em sua essência. Ao lado da equipe de designers da Talento, escolheu o Topázio Imperial, uma pedra da região de Ouro Preto que só existe ali. “Ela tem um tom terroso muito bonito, chique”, descreve Terezinha.

A questão seguinte veio em termos práticos, em relação ao fecho do broche. Gomes buscou para tal outro objeto que permeia sua obra, pelo qual também é fascinada: o alfinete. Mas não um alfinete pequeno e discreto, usado apenas com a função de agarrar a roupa, e sim um alfinete grande, exibido, de 94 milímetros, quase de forma desproporcional em relação ao tamanho da gaiola, que tem 52 milímetros de altura, 57 milímetros de comprimento e 22 milímetros de altura. “O alfinete faz parte da proposta da joia, não é algo colocado ali só para prender. É um objeto que amo! Transformá-lo em uma joia de ouro me pareceu maravilhoso”, diz Gomes. Começaram, a partir de então, os estudos ligados aos acabamentos e aos detalhes na elaboração da peça.

Outra decisão emblemática foi a de incluir na gaiola um trabalho de filigrana, que remete aos bordados e tramas de crochê, presentes na obra de Gomes – o tecido, tão presente na obra da artista, aparece apenas

em um cordão, colocado como opção de transformar o broche em colar. Técnica de joalheria herdada dos árabes que dominaram Portugal por oito séculos, a filigrana está entre os elementos absorvidos pela ourivesaria colonial brasileira – e é uma especialidade dos artesãos da Talento. Nesta joia, ela vem em ouro rosa, criando um contraste de tons com a gaiola.

Depois da descoberta de jazidas de ouro em Ouro Preto (1698) e em outras regiões do país, a cultura popular incorporou ao cotidiano o uso de joias e balangandãs com características étnicas entremeadas no sincretismo entre influências africanas e europeias. Não à toa, a ornamentação barroca e a opulência marcam até hoje a indumentária nacional. A filigrana, portanto, remete a um resgate desse passado. “A filigrana tem uma ligação estreita com a Joia de Crioula. E existe ainda um preconceito enorme com tudo o que está relacionado ao universo da negritude, do africano. É um preconceito enraizado”, diz Gomes. “Então, eu gosto de fazer essa provocação. Por que não? Temos essa estética maravilhosa, por que não nos apropriarmos da filigrana?”

A FILIGRANA E AS JOIAS DE CRIOULA

Nas mais diversas culturas e civilizações, o homem sempre buscou formas de se diferenciar, sobressair e enfeitar. Historicamente, as joias sempre ajudam a expressar personalidade e poder. O curador Waldick Jatobá lembra que, na época da escravidão no Brasil, os senhores de

Na próxima página, alguns exemplos de

joias de crioula
da coleção da artista



Na próxima página, a joia finalizada de Sonia Gomes

de ouro amarelo, ouro rosa e Topázio

Imperial bruto

engenho mostravam riqueza pela forma com a qual adornavam as escravas que passeavam com seus filhos. “Quanto mais enfeitada com joias estivesse a escrava, mais poder tinha aquele senhor”, explica Jatobá.

À medida que as amas de leite e as mucamas iam envelhecendo, elas acabavam ficando com as joias que usavam. Isso possibilitou a origem de um mercado paralelo entre os escravos. Com o tempo, o dinheiro obtido com a comercialização desses objetos passou a ser utilizado na compra de cartas de alforria. As chamadas Joias de Crioula, a partir daí, ganharam conotação de liberdade. No livro **Joias de Crioula**, Laura Cunha e Thomas Milz percorreram museus e coleções particulares em busca dos adereços mais emblemáticos, além de gravuras, quadros e fotografias históricas que atestam as formas de utilização dessas relíquias. Trata-se de um apanhado primoroso. Entre exemplares dessa ourivesaria tão rica em significados, eles destacam brincos, correntões, pencas de balangandãs, terços, pulseiras de copo, medalhões e colares de alianças, além de abotoaduras, anéis e broches.

“As joias podiam ser luxuosas ou de confecção simples, desde que fossem volumosas e brilhantes, não importando a liga metálica, geralmente com baixo teor de ouro e partes ocas. O importante para as crioulas era o exagero barroco”, relatam os autores. As bases de confecção da época fazem referência a elementos da cultura ibérica, então permeada por referências árabes. Assim, dentre as técnicas de ourivesaria que mais influenciaram as Joias de Crioula está a filigrana.

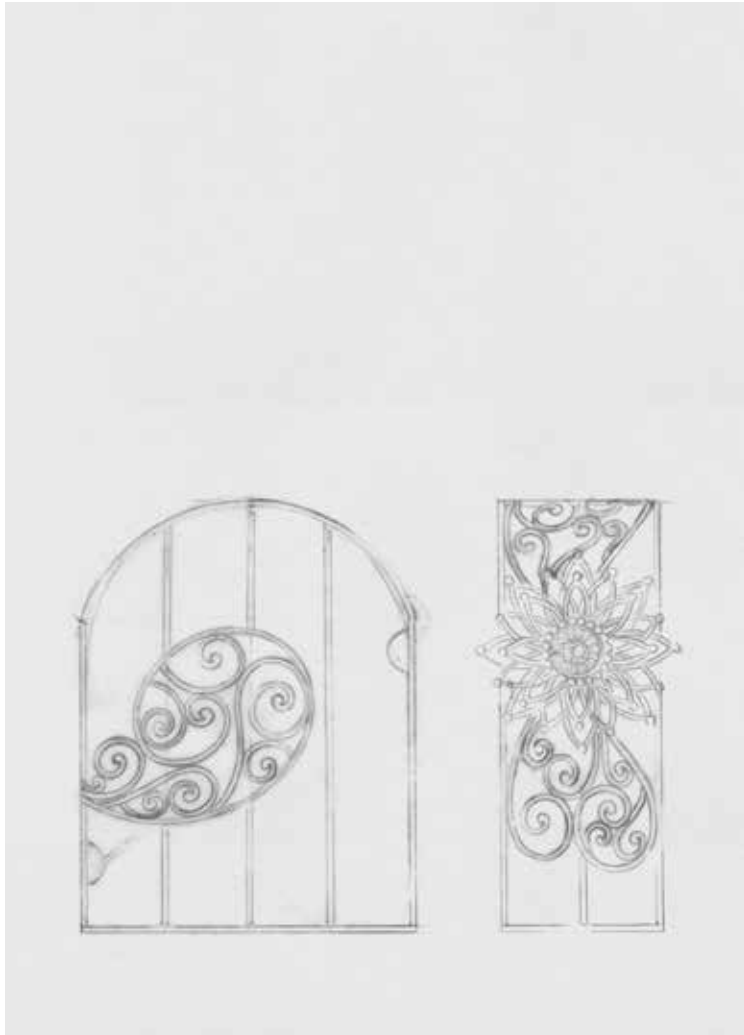
40

41

A técnica consiste na aplicação de fios de ouro ou prata, frequentemente entrelaçados e soldados com delicadeza, aplicados sobre placas do mesmo metal. Essas tramas e filetes formam desenhos e símbolos variados, com motivos orgânicos, circulares, espiralados ou em “S”.

O ponto de ligação entre essa estética orgânica e as criações de Sonia Gomes está exatamente aí. Nos trabalhos da artista, povoados de detalhes que lembram o barroco mineiro, a artista reconhece e reverencia o legado da ourivesaria afro-brasileira, que encontra eco em estofados em renda, tramas de choque e macramê. Sobre os tecidos coloridos das esculturas são revelados ainda bordados, brocados, fios dourados, contas, pedras e botões de todos os tipos, atraindo olhares para as minúcias e ofertando contemplação em escalas diferentes.

Com nós, pontos de tricô e de crochê, ela cria objetos, esculturas e instalações em escalas variadas. As tramas da filigrana, portanto, representam texturas familiares à artista. A oportunidade de fazer experimentações em filetes de ouro agora vai ao encontro de um resgate perene de sua obra à poesia da cultura regional e do artesanato, que carrega um histórico de significados. Curiosamente, Gomes, que começou sua carreira fazendo colares e customizando roupas, passou a ser celebrada pelo universo da moda após o reconhecimento de seu trabalho no circuito das artes contemporâneas. “Para mim, arte é liberdade”, diz ela. “Eu me encontrei quando passei a frequentar cursos de arte contemporânea e sinto liberdade para fazer o que eu quiser. Agora, estou no meu lugar.”



Desenhos para a filigrana da joia da artista



Glossário da artista

O SIGNIFICADO POÉTICO DOS SEUS CONCEITOS

CAPÍTULO III

ABSTRAÇÃO

Pensado em múltiplas camadas,
o trabalho de Sonia Gomes
exalta o caráter subjetivo da arte
e estimula
a livre interpretação
do espectador.

Os significados de suas criações,
longe de serem explícitos, são
abertos,
PLURAIS,
e mutáveis.

Acolhimento

Ao contemplar títulos de obras como
Colmeia (2004), *Lugar* (2006) e *Casulo* (2006),
notamos um padrão semântico na obra da artista:
trata-se de um universo particular que aponta para
noções de intimidade, abrigo, amparo e pertencimento.

Corpo

A atração que sente desde criança pelos desenhos do corpo humano - cartilagens,
tecidos, vértebras - reflete na produção de Gomes por meio de cores
e formas; é também seu próprio corpo, o de uma mulher
negra, que despeja em sua obra.

Costura

Mais do que juntar, a costura nos trabalhos de Gomes tem a função de detalhar a
união entre as partes. As pequenas cirurgias artísticas atam materiais distintos,
de modo que os pontos de sutura acabam se tornando elemento fundamental da obra.

DUALIDADE

Mimetizando dicotomias
da própria biografia,

como as origens sociais contrastantes

(a materna, negra e pobre;
a paterna, branca e aristocrática),

Gomes produz uma arte binária, que mistura

maleável e RÍGIDO,

SUAVE e áspero,

erudito e POPULAR.

Espiritualidade

A obra de Gomes carrega uma forte carga espiritual, mas
não no sentido religioso ou ritualístico. Trata-se de
um universo que abrange, por exemplo, o mistério
existencial, a ancestralidade africana e a
vontade humana de traduzir o indizível.

Gaiola

Objeto recorrente no trabalho de Gomes, a gaiola, que tradicionalmente simboliza o cerceamento da liberdade, ganha novo significado, ora ao ter a porta aberta, ora ao guardar em seu interior um objeto precioso, como uma pedra bruta.

Intuição

O processo criativo de Sonia Gomes não obedece a um rigor racional, mas é fruto de genuína liberdade criativa, de natureza instintiva e orgânica, em que as peças são pensadas sempre *a posteriori*, tomando forma à medida que são manipuladas.

Memória

A maioria dos objetos que passa pelas mãos de Sonia Gomes já teve um passado.

Assim, em sua arte, lembranças são cortadas e COSTURADAS,

TORCIDAS e entrelaçadas,

até que os objetos são totalmente

ressignificados, desprendendo-se de

seus donos e usos anteriores.

Amuletos de sorte e

proteção de tradição

africana, originalmente

portados por membros

do Candomblé

OS PATUÁS,

figuram na obra

da artista como

DECORRÊNCIA

do saber de sua avó

materna, que

produzia os pequenos

talismãs bordados com

dizeres SAGRADOS.

Pespointo

Refutando

limites geográficos

e geometrias

TRIVIAIS,

os pespointos

da artista

tecem caminhos

autônomos

e IMPREVISÍVEIS.

Frequentemente

feitos em linha

grossa e negra,

ASSIMÉTRICOS,

funcionam como um

desenho condutor

para diversas

OBRAS.

P e n d e n t e

Quando impossibilitados
de existir

organicamente no ateliê,
OS TRABALHOS

de Gomes frequentemente
buscam apoio no teto, em

colunas ou em paredes quando
transportados ao espaço expositivo.

Suspensos no ar,
celebram poeticamente a
recusa do CHÃO.

Raiz

Galhos e troncos de madeira crua interagem com uma amálgama de tecidos criando um ecossistema fantasioso pelas mãos de Gomes. Em sua obra, a palavra raiz remete não só ao órgão da natureza, mas também às origens e questões existenciais humanas.

R E B E L D I A

Termo muito usado por Gomes para descrever seu trabalho, a rebeldia é traduzida em seu fazer

ARTÍSTICO

por meio de atitudes consideradas "indisciplinadas",

como o processo criativo

INTUITIVO

e a ausência de linhas, formas e fronteiras definidas.

Torção

As estruturas retorcidas de Gomes - feitas a partir de diferentes suportes, como arame e tecido, que são trabalhados manualmente até se chegar a uma interação harmônica - remetem filosoficamente ao ato de comprimir algo para extrair a sua essência.

Trouxa

Os embrulhos da artista reproduzem

fardos de roupa que aludem tanto ao ambiente DOMÉSTICO

como ao desejo de FUGA,

ao mesmo tempo que evocam um invólucro

dentro do qual não há hierarquia entre

OBJETOS

(que, na arte, têm matéria subjetiva).

Retalhaos de diferentes

TAMANHOS,

cores e texturas,

descobertos ao

acaso ou

ofertados com o

propósito de serem

TRANSFORMADOS,

são a matéria-prima

mais presente

na obra de Gomes,

que contesta seu

CARÁTER

outrora impessoal

e UTILITÁRIO.

T E C I D O

Cordas, retalhos de tecido e uma série

de objetos do cotidiano são entrelaçados, costurados e sobrepostos na obra de Gomes

Volume

para criar uma tridimensionalidade particular: a densidade em seu trabalho é simultaneamente delicada e vigorosa.

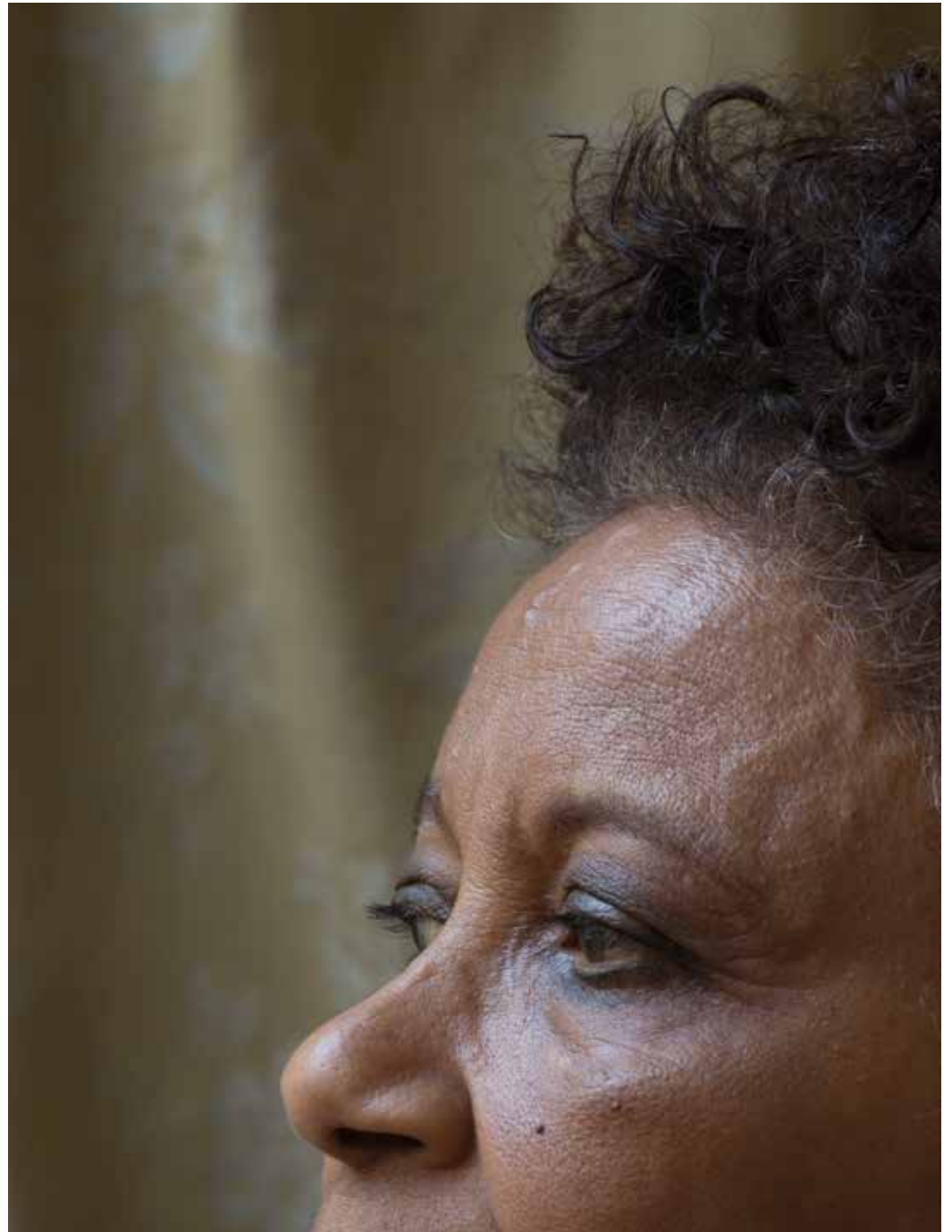
Carosso Tevelado

TROCAS COM O CURADOR

CAPÍTULO IV

Retratos da artista feitos por
Cristiano Mascaro,
no Hospital Matarazzo
em São Paulo





Entrevistada por
Waldick Jatobá,
Sonia Gomes
lança novos olhares
sobre o cenário
contemporâneo
e revela as
intenções da joia
criada para o
projeto Joia de Artista

QUAL A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA AFETIVA NO SEU TRABALHO?

Gosto de trabalhar com os tecidos que já tiveram uma vida anterior porque eles vêm ricos de história, de memória, do tempo. Também uso muito os crochês, algo que penso que daqui a um tempo vai se perder e que eu quero ressignificar e resgatar.

Pode até parecer utopia, mas espero que trabalhos manuais como esses nunca percam espaço cultural na nossa sociedade.

Acho o trabalho feito a mão precioso.

ISSO ME REMETE ÀQUELA HISTÓRIA DO VESTIDO DE NOIVA QUE SE TRANSFORMOU NA OBRA MARIA DOS ANJOS. COMO FOI ESSE PROCESSO?

Quando eu fui convidada para a Bienal de Veneza, o meu trabalho e o meu processo se desenvolveram muito em torno de novas experiências. A obra **Maria dos Anjos** surgiu de um vestido de noiva enviado para mim por uma mulher do interior do Rio de Janeiro. Nós não nos conhecíamos, mas ela ficou sabendo do meu trabalho e decidiu me ligar para perguntar se eu gostaria de receber um vestido de noiva de mais de 50 anos para usá-lo como matéria-prima do meu trabalho.

Eu falei: “Lógico, mas eu quero saber quanto vai custar”.

Ela respondeu: “Não vai custar nada, vou mandá-lo e você faz com ele o que quiser”.

Quando o recebi em uma caixa, todo em seda pura e enorme, com uma cauda de mais de 3 metros, liguei para agradecer e perguntei o nome dela.

Ela falou: “Maria dos Anjos”. Eu agradei e pronto, nunca mais tivemos contato.

QUANDO VOCÊ PEGA UMA HISTÓRIA E RESSIGNIFICA, DESCONSTRÓI, CRIA UM TRABALHO DE ARTE A PARTIR DELA, ESSA OBRA GANHA UMA NARRATIVA TOTALMENTE NOVA, NÃO É?

Sim, acho que o trabalho de um artista precisa expressar uma linguagem universal. Ele deve ser provocador. O vestido de noiva, o tecido, o bordado, são questões universais.

Mas, ao mesmo tempo, é uma escultura que se adapta a qualquer lugar.

Pode se expandir, encolher, ser colocada no chão, de acordo com o espaço expositivo.

E eu observei que, enquanto eu vejo ali um vestido de noiva, as pessoas que não sabem de sua origem não veem.

ESSE TRABALHO HOJE ESTÁ EM ALGUMA COLEÇÃO?

Ele foi para a Bienal do Mercosul e parece que está reservado para um museu da Suíça.

Depois de entregar o trabalho para a galeria, não fico com essa preocupação de saber onde está. Sou totalmente desprendida dessas questões.

Acho que minha função é fazer.

COMO VOCÊ LIDA COM ESSE DESAPEGO?

Não tenho apego. Acho que meu trabalho é para o mundo, isso é tranquilo para mim.

Acho que essa é a minha função.

NO CASO DO BROCHE, VOCÊ JÁ IDENTIFICOU O SUPORTE NO QUAL QUERIA CRIAR A EXPRESSÃO ARTÍSTICA NO COMEÇO DO PROCESSO. ACONTECE ISSO EM TODOS OS SEUS TRABALHOS?

Não, eu primeiro faço e depois penso. Acho que, se eu partir de um conceito e tentar materializar aquilo, meu pensamento fica preso. No trabalho, eu quero liberdade, não quero ficar presa a uma ideia. Ela pode ser modificada durante a construção.

COMO FOI O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA JOIA EM FORMA DE GAIOLA, UM SÍMBOLO RECORRENTE DA SUA OBRA?

Quando recebi o convite para fazer a joia, pensei logo em fazer um broche, que considero um adorno maravilhoso, mas que de certa forma anda meio em desuso. Queria me apropriar também da filigrana, que é uma técnica já explorada pela Talento e da qual eu gosto muito. Ela me remete às Joias de Crioula, o que acho maravilhoso.

É também uma linguagem que dá para associar ao tecido, que remete às tramas manuais apresentadas frequentemente no meu trabalho.

A partir desses desejos pessoais, a ideia foi surgindo naturalmente. Fiquei observando as esculturas que já faço e vi a gaiola, um objeto no qual vejo muita beleza, mas por outro lado não gosto da função que carrega, de aprisionar. Então comecei a pensar em como seria incorporar a filigrana em uma gaiola.

Veio daí a vontade de guardar dentro dela uma pedra bruta.



POR QUE A PEDRA BRUTA?

Sempre tive vontade de usar pedra bruta em joia. Queria que a gaiola estivesse abrigando uma coisa maravilhosa dentro dela e cheguei à conclusão de que, para mim, teria um significado especial utilizar uma pedra na qual a preciosidade está em seu interior, em sua essência.

QUANDO VOCÊ SE DESCOBRIU ARTISTA?

Ah, não houve um momento de ruptura, de “ah, agora serei artista”. Foi acontecendo naturalmente. Sempre fiz o que gosto de fazer. Faço porque gosto. Faço por necessidade, não faço por obrigação.

UMA NECESSIDADE DE COLOCAR PARA FORA TODA A ANGÚSTIA CRIATIVA, POR ASSIM DIZER?

Sim. Para mim, funcionou como uma cura, mesmo. Foi surgindo como uma catarse, e foi assim que aconteceu, é assim que eu recebo.

E COMO ESSA CATARSE, ESSA NECESSIDADE DE FAZER, INFLUENCIA A SUA ROTINA DE ARTISTA?

Não existe uma rotina específica. O trabalho, eu e minha vida somos todos uma coisa. Não tenho hora para trabalhar. Faço por necessidade, quando estou com vontade – e essa necessidade eu tenho o tempo todo.

COMO FOI A SUA FORMAÇÃO COMO ARTISTA?

Como eu não sabia desenhar, sempre achei que não poderia ser artista. Fui fazer cursos na escola Guignard e descobri que na arte contemporânea tudo é possível. Mas não consegui virar bacharel em artes plásticas porque era exigido desenho de observação, e eu não tenho, não sei desenhar nada a não ser o abstrato. Foi quando uma professora me disse: “Você não precisa de diploma, você já é uma artista”. Acabei considerando esse consentimento como a minha formatura nas artes.

necessidade criativa
rotina
formação
funcionar como cura.

Ibrahim Mahama
Nicolas Lobo
Bispo do Rosário



E QUAL ARTISTA CHAMOU SUA ATENÇÃO EM UM PRIMEIRO MOMENTO?

Eu amava Picasso, principalmente pela liberdade que ele teve de fazer tudo o que dava na cabeça, embora não me identificasse com ele na prática. Não pensava em experimentar fazer o que ele fazia. Mas acho que ele ficou no subconsciente.

Depois, quando vi o Bispo do Rosário, achei um gênio.

Mas não o vi e pensei: “Quero fazer isso”. Pensei: “Quem sou eu?”.

Ah, e tem outra coisa muito importante: sempre gostei de artesanato e arte africanos.

Acho que foi a arte africana que me atraiu para esse universo, e não a europeia.

Dos contemporâneos, gosto muito do Nicolas Lobo, acho maravilhoso, e também do Ibrahim Mahama.

COMO É SEU PROCESSO DE INSPIRAÇÃO?

Difícilmente começo um trabalho inspirada em algo específico.

É na construção que vai surgindo a inspiração. Acho que tudo o que vejo abastece de alguma maneira meu inconsciente. E, de repente, passo a externar tudo isso como se fosse uma limpeza, uma catarse. Costumo encontrar as possibilidades do meu fazer dentro do meu próprio trabalho. E não sei se está meio fora de moda falar isso, mas eu gosto de dizer que procuro trabalhar com verdade. Sou uma esteta, em todos os sentidos. Gosto das coisas bonitas, do sublime.

Claro que a minha estética não vai agradar todo o mundo. Mas, em primeiro lugar, ela tem que agradar a mim. Para eu soltar um trabalho, preciso estar muito satisfeita com ele. E, quando chego a esse ponto, claro que ouço opiniões de curadores, de artistas, do meu assistente, mas, se eu dou aquilo como pronto, está pronto. Eu ouço, mas eu posso aceitar ou não, e só aceito quando está dentro da minha verdade, do que eu realmente quero colocar.

ESSE PROCESSO É INTERESSANTE, PORQUE VOCÊ É AO MESMO TEMPO IDEALIZADORA, CRIADORA E PRODUTORA DAS SUAS OBRAS.

Sim, eu me lembro de um curador que falou para mim: “Sonia, você não é artista, você é criadora”. Mas eu realmente não sei qual é a diferença.

Tunga
Tunga
Tunga

EU TAMPOUCO. À MEDIDA QUE VOCÊ CRIA E TRANSMITE UMA VERDADE, EXERCE O OFÍCIO DE ARTISTA, QUE, PARA MIM, É EXATAMENTE ISSO: COMUNICAR POR MEIO DE UM TRABALHO, QUE PODE OU NÃO SER EXECUTADO POR VOCÊ. O TUNGA, POR EXEMPLO, MANDAVA EXECUTAR SUAS OBRAS.

Sim, uma coisa não desqualifica a outra. Cada um tem o seu processo. Aliás, o Tunga me falava que via uma conversa entre nossos trabalhos.

EXISTE UMA SINERGIA E UM DIÁLOGO GRANDE ENTRE A OBRA DE VOCÊS, MESMO. O TEMPO E A ORGANICIDADE DA MATÉRIA SÃO VISTOS EM AMBAS.

Sim. Até vejo o Tunga como meu padrinho nas artes.

COMO FOI SEU ENCONTRO COM ELE?

Antes de eu ser uma artista da galeria Mendes Wood, eles me convidaram para participar de uma coletiva. Então, um diretor me ligou e falou: "Sonia, o Tunga gostou muito do seu trabalho". Pensei: "Oba, já é outra afirmação". Depois, estive na galeria, o Tunga também estava, e fui apresentada a ele. Ele disse: "Sonia, olha como o nosso trabalho conversa", porque tinha um trabalho meu exposto bem perto do dele.

Mais tarde, quando a galeria me convidou para uma exposição individual, quem foi a primeira pessoa que chegou? O Tunga. Ficamos muito próximos, ele queria que eu fizesse uma obra no jardim dele, mas não deu tempo, pois logo tive a notícia de sua doença. Trocamos várias mensagens, ainda tenho todas. Tenho o Tunga como um padrinho, mesmo.

O reconhecimento dele como artista foi muito importante.

TEM ALGO INTERESSANTE PRESENTE NA OBRA DE AMBOS, QUE É UMA ALQUIMIA...

Acho que é isso, uma alquimia, porque ele experimentou misturas novas o tempo todo.

E meu trabalho é totalmente experimental também nesse sentido.

PARA TERMINARMOS DIGA TRÊS PALAVRAS QUE DEFINEM O SEU TRABALHO.

Verdade, liberdade e coragem.





Lista de Obras:

I.01

Memória, 2004
Costura, amarrações, tecidos, rendas e fragmentos.
© Sonia Gomes
Foto Eduardo Ortega

I.02

Acordes Naturais, 2018
Costura, amarrações, tecidos, rendas e fragmentos.
© Sonia Gomes
Foto Bruno Leão

I.03

Timbre, da série Raiz, 2018
Amarrações e costura na madeira.
© Sonia Gomes
Foto Bruno Leão

I.04

Solo, da série Raiz, 2018
Costura, amarrações, tecidos, rendas na madeira e arame.
© Sonia Gomes
Foto Bruno Leão

I.05

Mamute, da série Raiz, 2018
Costura, amarrações, tecidos e rendas na madeira.
© Sonia Gomes
Foto Bruno Leão

I.06

4 Enciclopédias – Vol 1, 2, 3 e 4, 2018
Materiais variados na Enciclopédia.
© Sonia Gomes
Foto Bruno Leão

I.07

4 Enciclopédias – Vol 1, 2, 3 e 4, 2018
Materiais variados na Enciclopédia.
© Sonia Gomes
Foto Bruno Leão

I.08

4 Enciclopédias – Vol 1, 2, 3 e 4, 2018
Materiais variados na Enciclopédia.
© Sonia Gomes
Foto Bruno Leão

Bibliografia:

CARNEIRO, Amanda e FONSECA, Raphael. **Sonia Gomes: A Vida Renasce / Ainda me Levanto**. São Paulo: Editora MASP, 2018. MILZ, Thomaz e CUNHA, Laura. **Jóias de Crioula**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011. GUARNIERI, Thais e RIBEIRO, Mariana. **Filigrana: História e Técnica**. São Paulo: Editora LCTE, 2012. LODY, Raul. **Jóias de Axé. A Joalheria Afro-Brasileira**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

Direção geral: Jacques Rodrigues Jr.

Curadoria: Waldick Jatobá

Projeto gráfico e direção de arte: Maru Widen

Textos e edição: Maria Rita Alonso

Produção executiva: Rita Dias

Revisão: Bia Mendes

Fotos: Cristiano Mascaro e João Avila

Assistente de foto: Luiz Pellizer

Foto still: Almir Pastore

Reproduções: Gerson Tung

Caligrafia: Valéria Serejo

Produção gráfica: Jairo da Rocha

Realização: Talento Jóias

Agradecimentos: Mendes Wood DM e equipe Talento

Este livro foi produzido para o Projeto Joia de Artista,

Talento feat. Sonia Gomes (2019)

É proibida sua reprodução sem autorização.